

O SER E A IMAGEM DE SI: A INVENSÃO DO SEXO OU A ADEQUAÇÃO DO MESMO

Francisco Francinete Leite Junior
Faculdade de Ciências Aplicadas Dr Leão Sampaio
E-mail: freud.g@bol.com.br
Francisco Arrais Nascimento
Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri
E-mail: junior.arraes@gmail.com

Introdução

Ao adentrar o universo das “transformações de gênero”¹ nos deparamos com a temática que auferi um espaço crescente nos campos científicos da medicina, antropologia, sociologia e da psicologia. Se pode observar que desde meados da metade do século XX tem-se tentado descrever e interpretar as “transformações de gênero” comuns em determinados sujeitos que se encontram em inconformidade de gênero. Nesse primeiro momento o uso de análises de sociedades primitivas ou mesmo grupos sociais de estrutura simples dominam os estudos, como foi o caso das “instituições das *berdaches*”², que nada mais eram que indivíduos, que nascidos homens, adotam vestimentas, comportamento social e sexual nitidamente destinado às mulheres e assim eram aceitos e reconhecidos como pertencentes ao gênero feminino pelas culturas nas quais os mesmos estavam imersos.

Assim, as primeiras abordagens científicas sobre as transformações de gênero foram disseminadas na tentativa explicar tal fenômeno³ por meio de argumentos arraigados estritamente na anátomo-fisiologia, norteando-se pelos conceitos de transexualidade,

¹ Nas primeiras pesquisas sobre os indivíduos que se encontravam em transito identitário utilizava-se para definir e analisar as praticas de tais indivíduos o termo “inversão sexual”, depois substituído por “inversão de gênero”. O termo “inversão” foi constituído dentro da óptica binária de gênero tornando impossível qualquer outra forma de manifestação da sexualidade, o que torna o termo reducionista. Na pesquisa em questão se fez uso do termo “transformação” que se constitui de forma mais abrangente, compreendendo as inúmeras possibilidades de manifestações de sexualidade em indivíduos em transito identitário.

² Para uma revisão ampliada sobre a aproximação das ciências sociais com o tema das *berdaches*, ver Roscoe (1995); para uma revisão analítica sobre o uso do termo *berdache*, ver Goulet (1997). Para conhecimento histórico, uma das primeiras obras a utilizar o termo *berdache* seria o artigo de Devereux (1937).

³ Trevisan (1986) demonstra como as teorias da criminologia tiveram ampla repercussão no Brasil do início do século XX, em especial o Laboratório de Antropologia do Instituto de Identificação do Rio De Janeiro. Para maiores aprofundamentos sobre as relações entre a medicina e as ciências sociais sobre a temática, ver Corrêa (1982).

travestilidade e homossexualidade pertencentes as ciências médicas e psicológicas. Tais áreas do conhecimento ainda argumentam em favor da transexualidade como “distúrbio” ou “anormalidade” o que torna a inconformidade com o gênero um distúrbio ou patologia conforme o discurso médico-científico.

1 MEU GENERO, MEU ROTULO, MINHA PATOLOGIA

A Organização Mundial de Saúde - OMS e demais instituições médico científicas desde meados do século XIX, tentam taxonomizar as identidades trans e os indivíduos em inconformidade com gênero em suas publicações como a classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados a saúde – CID⁴, o Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais – DSM, entre outros onde os mesmos são enquadrados como patologias pois desviam da norma binária monolítica vigente.

Segundo Benedetti (2005) o domínio e a atuação das ciências médicas e da psicologia no campo da sexualidade podem ser observados nas nomenclaturas e definições das categorias: Transexualidade (*transsexuality*), travestismo (*transvestism*) e homossexualidade (*homosexuality*) são largamente empregados em tempos hodiernos nos estudos e pesquisas sócio-antro-psicológicas. Essas divisões, por já fazerem parte do senso comum, servem praticamente como representação e tradução de um determinado papel social, numa sociedade e época histórica específica, para uma figura que é uma invenção estritamente ocidental e, com certeza, recente (Foucault, 1990).

Ao encarnarem para o imaginário social as estigmatizadas associações entre perversidade sexual, delinquência, espetacularização dos prazeres eróticos e pornografia num único corpo conscientemente forjado, esta “intolerável ambiguidade” paga o terrível preço de conviver com o fascínio carregado de ódio, a desqualificação de seus desejos e a inferiorização de seus gozos. Como a própria pornografia, “o corpo que é uma maravilha”, o da travesti, especialmente aquela que trabalha com prostituição,

⁴ Segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde – CID -10, publicado pela Organização Mundial de Saúde, no ano de 1993 de onde foi removido a homossexualidade da categoria de patologia, inclui os “transtornos da identidade sexual” sob o código F64 onde comungam o “travestismo” e o “transexualismo”.

encarna a violência cotidiana de quem assume uma vida e um físico modelados pelo desejo e o prazer eróticos, questionando, mesmo eu sem intenção, o discurso do verdadeiro sexo. (LEITE. JR, apud PELÚCIO, p.11. 2007)

Na década de 1960 o movimento feminista impulsiona a edificação de novos conceitos e paradigmas nas ciências humanas e sociais que acarretam a cisão com os modelos anteriores onde predominava o conceito de que os sexos ocupavam níveis distintos. Simultaneamente ao desenvolvimento do conceito de gênero, as ciências psicológicas geraram, em estudos e pesquisas focados essencialmente no então recente conceito de transexualidade, razões e argumentos hegemônicos e legitimadores que apesar de importantes, ainda comungavam com os conceitos médico-científicos da época.

Durante as últimas décadas do século XX o surgimento da epidemia da Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida - AIDS⁵ veio a tornar a abjeção e os contextos de estigma e exclusão social dos sujeitos que praticavam modalidades alternativas de sexualidade tornaram-se ainda mais explícito dado o receio gerado pela falta de informação sobre a nova patologia e principalmente pela criação de grupos de risco como forma de combate a disseminação do vírus HIV.

No processo de construção social da Aids, significados produzidos na história das epidemias ocidentais se mostraram igualmente presentes: a força da idéia do contágio; os simbolismos atribuídos aos fluidos corporais como o sangue, o esperma e a saliva; o medo do desconhecido e a segurança do familiar; as explicações moralistas para os perigos e sofrimentos; a busca de bodes expiatórios e a responsabilização do “outro” – o estrangeiro, o diferente, o estigmatizado – como o portador do mal. (PAULILO & JEOLÁS. 2005: 178)

Finalmente no ano de 1993 a OMS retira da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 10 a homossexualidade da categoria de patologia, inclui os “transtornos da identidade sexual”, o que reforça o estigma social em que tais sujeitos estão imersos.

⁵ Ver coletânea “A Aids no Brasil”, organizada por Richard Parker(1994).

2 AS CURVAS QUE CONTRUI: A FABRICAÇÃO DO GÊNERO E DASEXUALIDADE NOS CORPOS TRANS

Segundo Le Breton (1996) “O homem existe em função do seu corpo”, no caso dos sujeitos trans tal afirmativa se torna a norma que condiciona sua existência, pois o conflito entre o real e o desejado quando optam por se transformar, física e socialmente. É no corpo que tais sujeitos encontram seu cárcere, ao localizarem os marcos do masculino e do feminino; e é nesse contexto que emergem as tentativas de confundir aquilo que os definem, que os taxonomizam na binaridade de gênero vigente. Para realizar tal concepção os sujeitos trans investem conhecimento, tempo e dinheiro para que possam ostentar sentir e até mesmo exibir um corpo diferenciado que rompe com os padrões anatômicos, estéticos e de gênero vigente, um novo corpo, construído a partir da idealização que transcende o imaginário e acercar-se do real desejado. A música Balada de Gisberta, interpretada por Maria Bethania narra de forma verossimilhante a realidade de travestis, transexuais e de indivíduos que se encontram em inconformidade de gênero que praticam a prostituição⁶ como forma de subsistência.

Perdi-me do nome/hoje pode chamar-me de tua/dancei em palácios/hoje danço na rua/ vesti-me de sonhos/hoje visto as bermas da estrada/de que serve voltar/quando se volta pro nada/eu não sei se um anjo me chama/eu não sei dos mil homens na cama/ e o céu não pode esperar/ eu não sei se a noite me leva/não ouço meu grito na treva/ o fim quer me buscar/sambe na avenida/ no escuro fui porta estandarte/ apagaram-se as luzes/ é o futuro que parte/escrevi o desejo/corações que já esqueci/com sedas matei e com ferros morri/ eu não sei se um anjo me chama/eu não sei dos mil homens na cama/ e o céu não pode esperar/ eu não sei se a noite me leva/ eu não ouço meu grito na treva/ o fim quer me buscar/ trouxe pouco, levo menos/ a distancia até o fundo é tão pequena/ o fundo

⁶ A prostituição se torna o meio laboral mais comum entre os travestis, transexuais e indivíduos em inconformidade com o gênero, principalmente no Nordeste brasileiro. Tal contexto torna-se vicioso dado a baixa escolaridade, a falta de capacitação e despreparo para a atuação no mercado de trabalho por parte de tais indivíduos. Ressalta-se que tal contexto é disseminado pela sociedade que marginaliza, exclui e abjetifica os indivíduos desviantes da norma vigente.

é tão pequena/ A queda, e o amor é tão longe/ o amor é tão longe. (Maria Bethânia, Balada de Gisberta, Amor, Festa e devoção. Letra de Pedro Abrunhosa, 2010)

Nesse delicado e intrincado processo de construção os sujeitos em trânsito identitário e em inconformidade com o gênero embaralham as fronteiras entre os gêneros com o objetivo de confundir aquilo que os definem de forma a minimizar as distâncias entre os gêneros de forma a se confundirem com aquilo que é tido pela sociedade como oposto, mas que para tais indivíduos é o desejado. No caso das travestis a maquiagem tem um papel fundamental: além de ser uma prática historicamente associada ao feminino em nossa sociedade⁷ e contribuir para ressaltar ou ocultar determinados traços do rosto, cumpre a função essencial de mascarar os pelos da barba.

Quando se pensa em travestis, comumente a primeira ilustração a vir à memória é a de um homem com roupas de mulher. E essa realmente é uma das primeiras atitudes das travestis na construção do feminino. É recorrente no discurso de muitas *monas*⁸ o uso de vestimentas femininas durante a infância, normalmente quando ainda não se deu início ao processo de hormonização e de mudanças corpóreas é na vestimenta que se corporifica qualidades femininas.

A vestimenta constitui uma eficiente forma de comunicação. Determinada combinação de peças, com cortes, tecidos e cores específicos, transmite símbolos que informam aspectos essenciais daquela pessoa e situação, como o sexo, o gênero, a posição social, a classe, a idade, o tipo de evento em questão etc. As roupas constituem, portanto uma linguagem. (BENEDETTI, pag. 67, 2005).

3 NA LUTA PELA DESPATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS

Las personas transexuales, sin tener afectado su juicio de realidad - esto es, sin estar locos o psicóticos -, perciben en su mente, cerebro que nacieron en un “cuerpo equivocado”(HELIEN, pag. 22, 2012)

⁷ Sobre as associações entre o feminino e o embelezamento, consultar Sant' Anna (1995).

⁸ Palavra oriunda do idioma iorubá, tendo como significado mulher no aspecto feminino. No linguajar das travestis é utilizado para apontar umas as outras em substituição ao termo mulher.

A evolução no processo⁹ das lutas sociais que objetivam tornar a sociedade mais igualitária para aqueles que durante a historiografia moderna no ocidente tem sido marginalizados, excluídos e abjetificados por não se curvarem a heteronormatividade vigente que os rotula de forma a tentarem os taxonomizarem através do enquadramento violento por meio da tatuagem da identidade que lhes é imposta como forma de identifica-los por meio de suas praticas sexuais.

Quando na verdade o problema em questão não é de uma patologia identitária ou de pratica sexual, mas sim uma tentativa de reafirmar a normalidade da heterossexualidade como forma única, monolítica e saudável das múltiplas manifestações da sexualidade humana. Partindo desse pressuposto o problema não consiste em identificar, normatizar ou tornar patológico aquilo que no decorrer da historia foi tido como *nefadun*, inversão, perversão, abominação e por fim patologia para as ciências medico-científicas, mas sim a necessidade de ter um modelo “normal” para através do “anormal” o mesmo se consolidar arraigado nos preceitos religiosos e medico científicos que tendem mesmo em tempos hodiernos em procurar um enquadramento para cada pratica com o objetivo de normatiza-los.

Os estudos de gênero e as próprias experiências vivenciadas por pessoas trans ou indivíduos em inconformidade com o gênero revelam que a concepção binária de gênero presente no ocidente e conseqüentemente o alinhamento entre sexo, gênero e desejo não sendo algo natural, mas sim fruto de um construto sociocultural.

Os corpos, gêneros e sexualidades desviantes da heteronormatividade vigente não devem portanto serem utilizados como base para uma classificação psicopatológica. A normatividade vigente de uma binaridade de sexo e de gênero só permite aos deslocamentos, como os analisados nesta pesquisa tais como a transexualidade, a travestilidade, o *crossdressing*, as *drag queens*, uma existência condicionada e rotulada como desviante. Tal concepção apenas confere segregação, estigma social e marginalização a todas as manifestações que desviem da norma vigente o que interfere nas relações sociais de forma

⁹ No ano de 1997, o Conselho Federal de Medicina- CFM aprova a resolução que autoriza a realização das chamadas “cirurgias de transgenitalização” no Brasil. Até esse dado momento as intervenções cirúrgicas transexualizadoras eram tidas como mutilação passível de penalidades estipuladas pela legislação vigente. Em 2008 o Ministério da Saúde aprova a realização do processo “transexualizador” pelo Sistema Único de Saúde – SUS.

profunda colocando entre elas uma “normal” e todas as outras como patológicas assim o sofrimento psicológico torna-se inevitável do ponto de vista psicossocial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo percebe-se a grandiosidade da temática e a necessidade de estudos mais aprofundados visto que a análise dos dados acerca dos indivíduos que vivenciam a travestilidade, a transexualidade ou a inconformidade com o gênero constroem de forma gradativa uma imagem corporal que se aproxime do ideal imaginado, tal comportamento nesses indivíduos se torna desejado pelos mesmos e em muitos casos é colocado como meta ou objetivo a ser atingido.

A ideia de patologização do gênero apesar de difundido amplamente pelos discursos médico, científico e religioso requer atualmente uma revisão dos conceitos com o propósito de promover o rompimento dos paradigmas heteronormativos que tem excluído e marginalizado parcelas significativas da sociedade. Além de levar-nos a refletir sobre os direitos humanos e o respeito e diversidade.

REFERENCIAS

BENEDETTI, Marcos Renato. **Uma etnografia pelo corpo travesti**. Porto Alegre. 1996.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. 2005.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense. 2008.

CORRÊA, Marilena (1995). “**Medicalização social e a construção da sexualidade**”. In: LOYOLA, Maria Andrea (org.). *Aids e sexualidade – O ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

CORRÊA, Mariza (1982). “**Antropologia & Medicina Legal: Variações em torno de um mito**”. In: EULALIO, Alexandre et alii. *Caminhos cruzados – linguagem, antropologia, ciências naturais*. São Paulo, Brasiliense, p. 53-64.

DEVEREUX, G (1937). *“Institutionalised Homosexuality of the Mohave Indians”*, *General Biology*(9):498-527.

FOUCAULT, Michel (1982). **Herculine Barbin – O diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

_____(1990). **História da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal.

FRY, Peter (1982 a). **“Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros”**. In: Para ingles ver – Identidade e politica na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar.

_____(1982 b) **“Da hierarquia a igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil”**. In: Para ingles ver – Identidade e politica na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar.

_____(1982 c) **“Febrônio índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia ,a homossexualidade e a lei”**. In: EULALIO, Alexandre et alii. Caminhos cruzados – linguagem, antropologia, ciências naturais. São Paulo, Brasiliense, p. 65-80.

GOULET, Jean-Guy (1997). **“The ‘Berdache’ – ‘Two Spirit’: A Comparison of Anthropological and Native Constructions of Gendered Identities Among The Northern Athapaskans”**. *The Journal Of Royal Anthropological Institute* (N.S.), (2): 683-701.

HELIEN, Adrián. **Cuerpxs equivocadx: hacia la comprensión de la diversidad sexual**. Adrián Helien y Alba Piotto – 1ª edição – Buenos Aires: Paidós, 2012.

LE BRETON, David (1995). **“A síndrome de Frankenstein”**. In: SANT’ANNA. Denise de Bernuzzi (org). *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, p. 49-68.

PARKER, Richard (org.) (1994). **A Aids no Brasil**. Rio de Janeiro, Relume Dumará/ ABIA/IMS-UERJ

PARKER, Richard (1991). **Corpos, prazeres e paixões**. – A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo. Best-seller.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS / Larissa Pelúcio**. -- São Carlos : UFSCar, 2007. 312 p.

PAULILO, Maria Angela Silveira; JEOLÁS, Leila Sollberger. **AIDS, drugs, risks and meanings: a sociocultural construction**. Ciênc. saúde coletiva., Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2005. Disponível

em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123200](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232005000100024&lng=en&nrm=iso)

5000100024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Feb 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S1413-81232005000100024

ROSCOE, Will (1996). **“How Two Become a Berdache: Toward an Unified Analysis of Gender Diversity”**. Gilbert (ed.). Third Sex, Third Gender – Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History. Nova York. Zone Books.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **“Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma historia do corpo no Brasil”**. In: Políticas do corpo. São Paulo 1995, Estação Liberdade, p. 121-40.

TREVISAN, João Silvério (1986). **Devassos no paraíso**. São Paulo, Max Limonad.